



ARTIGO | DOSSIÊ

## **Sentidos da não-binariedade: uma análise a partir dos “cotidianos” micropolíticos das plataformas digitais<sup>1</sup>**

Meanings of non-binarity: an analysis from the micropolitic “everyday” of digital platforms

*Significados de no-binaridad: un análisis desde el cotidiano micropolítico de las plataformas digitales*

Maria Eduarda Fiorini  
Esmael Alves de Oliveira

### RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada pela primeira autora, orientada pelo segundo autor junto à Universidade Federal da Grande Dourados e intitulada “Sentidos da não binariedade nas redes sociais”. O objetivo foi o de compreender os sentidos da não-binariedade entre pessoas e/ou ativistas que se assumem “não binários” a partir das plataformas digitais. Nesse percurso, sustentados na metodologia qualitativa e nos estudos do cotidiano, ao percorrer indícios, pistas e sinais presentes em tais plataformas, constatou-se a importância das micropolíticas de visibilidade e reconhecimento das minorias sexuais e de gênero.

**Palavras-chave:** não-binariedade; cotidiano; plataformas digitais; visibilidade.

### ABSTRACT

This article presents the results of research carried out by the first author, supervised by the second author at the Federal University da Grande Dourados and entitled “Senses of non-binarity in social networks”. The objective was to understand the meanings of non-binarity among people and/or activists who consider themselves “non-binary” on digital platforms. Along this path, supported by qualitative methodology and everyday studies, when going through the evidence, clues and signs present on such platforms, the importance of micropolitics of visibility and recognition of sexual and gender minorities was noted.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**Keywords:** non-binarity; everyday; digital platforms; visibility.

## RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada por el primer autor, guiada por el segundo autor en la Universidad Federal da Grande Dourados y titulada “Sentidos de no binaridad en las redes sociales”. El objetivo fue comprender los significados de la no binaridad entre personas y/o activistas que se consideran “no binarios” en las plataformas digitales. En este camino, apoyado en metodología cualitativa y estudios cotidianos, al recorrer las evidencias, pistas y signos presentes en dichas plataformas, se constató la importancia de las micropolíticas de visibilización y reconocimiento de las minorías sexuales y de género.

**Palabras-clave:** no-binario; cotidiano; plataformas digitales; visibilidad.

## Introdução

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada pela primeira autora, orientada pelo segundo autor junto à Universidade Federal da Grande Dourados e intitulada “Sentidos da não binaridade nas redes sociais”, vinculada ao projeto de pesquisa “Diálogos entre antropologia e psicologia na fronteira: teorias, métodos e problemas de pesquisa”. O objetivo foi o de compreender os sentidos da não-binariedade entre pessoas e/ou ativistas que se assumem “não binários” a partir das plataformas digitais. Tal pesquisa inseriu-se no campo de estudos de gênero e sexualidades e buscou analisar, desde uma perspectiva crítica e pós-crítica, de que maneira sujeitos constroem seus projetos identitários, possibilitando ou não o questionamento da matriz de inteligibilidade cis-heteronormativa. Nesse percurso, sustentados na metodologia qualitativa e nos estudos do cotidiano (VITAL, 2022; LUZ, 2023), realizamos o mapeamento das redes sociais de domínio público, a saber, YouTube, Instagram e um site de internet, a fim de responder à seguinte pergunta norteadora: quais os sentidos e agenciamentos mobilizados por pessoas que se consideram não binárias em um contexto mediado (e marcado) pelas redes e plataformas digitais? Neste artigo, tais plataformas são tomadas como espaços-tempos que, a partir de indícios, pistas e sinais, são produtores de cotidianos produzidos-praticados em (re)existências micropolíticas (LUZ, 2023).

Em um cenário social marcado pela contínua utilização de plataformas digitais, pela inserção da inteligência artificial nas dinâmicas da vida cotidiana (incluindo o uso de algoritmos), bem como por processos de subjetivação cada

vez mais mediados pelas novas tecnologias e redes sociais, as ciências humanas e sociais são desafiadas a “transformar [as] experiências cotidianas em possibilidades de crítica social” (DUQUE, 2023 – acréscimo nosso).

Para fins de organização, o texto foi dividido em quatro partes. Na primeira seção, realizamos uma breve discussão sobre o campo da cibercultura na interface com os estudos do cotidiano, objetivando apontar as possibilidades teórico-metodológicas de pesquisas realizadas no ciberespaço. Na segunda seção, fizemos uma breve revisão de literatura sobre a não-binariedade, apontando a necessidade de mais estudos sobre a temática. Na terceira seção, apresentamos o mapeamento que realizamos de algumas plataformas digitais, especificamente YouTube, Instagram e um site de internet, cujo conteúdo era destinado a esse tema, e em seguida procedemos a uma análise de algumas postagens presentes em tais plataformas. Por fim, nas considerações finais, indicamos a importância do desenvolvimento de mais pesquisas sobre a temática da não-binariedade que possam contribuir para as políticas de visibilidade e reconhecimento das minorias sexuais e de gênero.

### **A cibercultura, o ciberespaço e o cotidiano virtual**

De acordo com o filósofo Pierre Lévy, que tem se debruçado sobre os sistemas de informação e comunicação contemporâneos, o debate sobre as plataformas digitais não pode ser devidamente compreendido a partir da velha dicotomia real vs virtual. Em seu livro “O que é Virtual” (1999), o autor explicita o erro do antagonismo entre as duas ideias.

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o nó de tendências e forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. (LÉVY, 1999, p. 16)

Sendo assim, o virtual é produzido e atravessado pela realidade assim como a constitui (LÉVY, 1999). Portanto, acontece a desterritorialização, em que a realidade (o ser) não pertence a lugar nenhum, não frequenta um espaço físico-material delimitado. Apesar disso, ela não deixa de fazer presença, ou

seja, ela existe e se insere no chamado ciberespaço. Este é apresentado por Lemos (2008):

O ciberespaço é concebido como um espaço transnacional onde o corpo é suspenso pela abolição do espaço e pelas personas que entram em jogo nos mais diversos meios de sociabilização [...]. Assim sendo, o ciberespaço é um não-lugar, uma utopia onde devemos repensar a significação sensorial de nossa civilização baseada em informações digitais, coletivas e imediatas. Ele é um espaço imaginário, um enorme hipertexto planetário (LEMOS, 2008, p. 128).

Dentro do exposto, ressalta-se ainda que existe uma cibercultura dentro do espaço midiático, caracterizada por novas formas de conduta e de interação social que originam as comunidades virtuais (LÉVY, 2010), explicadas a seguir:

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LÉVY, 1999b, p. 127)

Logo, o mundo “real” é diretamente afetado pelas comunidades virtuais, o que muda o panorama de organização social vigente, trazendo implicações às mais diversas esferas da sociedade e um repovoamento da vida por atores sociotécnicos de forma onipresente; tal configuração, portanto, não pode ser simplesmente descartada da análise. Também destaca-se que, por um lado, o meio digital traz autonomia para os seus usuários/as quando não determina o espaço, ou seja, independentemente da territorialização de nascimento, o indivíduo pode ser incluído dignamente no corpo social. Por outro lado, é importante destacar que tal ampliação das relações sociais por meio das plataformas digitais não está desvinculada de processos de hierarquização e relações de poder. Ao contrário, a nova realidade virtualizada apresenta grandes desafios que passam tanto pela discussão de acesso por parte de grupos sociais desfavorecidos quanto pela necessidade de criação de novos mecanismos de controle, sobretudo quando o debate se relaciona à utilização das redes e plataformas para a realização de crimes digitais.

Ressoando a discussão sobre o real e o virtual, Miller e Slater (2004) propõem a substituição dos termos por online e offline, visto que o debate vai muito além do uso da linguagem, e estes designam o lugar do indivíduo e a maneira pela qual ele se enxerga dentro da relação, sendo esta fluida e

contextual. Tal fluidez remete às próprias dinâmicas que constituem as subjetividades e os cotidianos. Estes últimos, enquanto espaços-tempos produzidos-praticados (LUZ, 2023), produzem deslocamentos, resistências e ressignificações (VITAL, 2022).

Entende-se, assim, que a vinculação da internet ao cotidiano dos indivíduos vai muito além de uma escolha ou preferência individual de ter ou não uma conta em determinada rede social ou jogar ou não um jogo online (LINS, PARREIRAS, DE FREITAS, 2020), principalmente em um cenário pós-pandêmico que trouxe lucidez às engrenagens desse sistema em vigência. Além disso, os fenômenos conhecidos como digitalização e dataficação, a partir de um conjunto de códigos e dados (LINS, PARREIRAS, DE FREITAS, 2020), entrelaçam e ressignificam os cotidianos (LUZ, 2023). Dito isso, a presença cada vez maior desses dispositivos sociotécnicos evoca mudanças no micro e no macrocosmo das relações sociais, podendo ser pensados globalmente, do mesmo modo que podem atravessar particularidades étnicas e de gênero, classe e saúde (SEGATA, RIFIOTIS, 2021).

Em suma, os conceitos abordados por HINE (2020) são muito bem articulados com o já exposto, quando se propõe que a internet contemporânea é marcada por três características: incorporada, corporificada e cotidiana, sendo estes os pontos de partida para se pensar na etnografia digital (DUQUE, SEFFNER, 2022). Dessa forma, as mídias mais contemporâneas impulsionam o protagonismo por parte do usuário, dando voz para os novos atores sociais que se inserem na nova dinâmica social, subjetiva e técnica; logo, qualquer indivíduo “comum” é considerado um produtor de conteúdo (VIEIRA JUNIOR, 2020), ou, conforme Ramonet (2013) define, há um “quinto poder”, constituído pelo “cidadão informante”. Isso rompe com a velha hegemonia dos meios de comunicação tradicionais (televisão, rádio, jornais), que se baseavam em emissor vs. receptor e ativo vs. passivo, respectivamente. Cabe apontar ainda que há algumas crises compostas nesse processo: de mediação, de credibilidade, de objetividade, de autoridade, de informação e de distribuição (SERRANO, 2013). Porém, destaca-se que a questionabilidade do público por meio da internet (sendo que esta disponibiliza gratuitamente cada dia mais informações sobre diferentes esferas de conhecimento) é o cerne para que ela aconteça (MOREIRA, 2016).

Apesar dessas tensões e contradições, é importante dizer que “os cotidianos digitais são também outros espaçotempos de formação e de pesquisa” (LUZ, 2023, p. 38) em que tais plataformas, sendo territórios existenciais, tecem e (re)tecem vivências e significações éticas, estéticas, políticas e pedagógicas. Afinal, as plataformas digitais, enquanto cotidiano,

[...] se torna[m] um meio crucial para entender os fenômenos sociais e culturais, visto que o cotidiano é a instância que transcende as fronteiras entre o micro e o macro na invenção e produção da vida humana. Isso torna o cotidiano um meio de trânsito, algo que permite que pesquisadoras e pesquisadores acessem e/ou se movimentem por entre as tecituras que compõem as realidades que imaginamos, percebemos e/ou materializamos como sendo o nosso mundo (pessoal e social) (VITAL, 2022, p. 73 – acréscimos nossos).

Assim, se a cibercultura, caracterizada pela fusão entre tecnologia, comunicação e cultura, manifesta-se de maneira intrínseca no cotidiano das pessoas na atualidade, ao analisar as práticas cotidianas na era digital, é possível identificar como as tecnologias criam novos modos de comunicação, identidade, identificação e sociabilidade. Destarte, os estudos do cotidiano nos permitem compreender as nuances das experiências humanas tanto online quanto offline, revelando como as plataformas digitais moldam e são moldadas pelas interações cotidianas se constituindo como espaços produzidos/praticados (LUZ, 2023). Compreender como pessoas não-binárias incorporam a cibercultura em suas lutas por visibilidade e reconhecimento é essencial para desvendar os aspectos culturais, sociais, políticos e simbólicos das interações das dissidências sexuais e de gênero nas plataformas digitais na contemporaneidade, permitindo uma análise mais abrangente e contextualizada dos saberes-resistentes tecidos nas tramas dos cotidianos digitais.

### **Estudos sobre a não-binariedade: um breve balanço**

Identidades de gênero não binárias sempre existiram em diferentes contextos socioculturais. Há uma série de trabalhos antropológicos que descrevem a existência de indivíduos de distintos grupos culturais que não se enquadravam nos convencionais arranjos dicotômicos de gênero e

sexualidade, por exemplo: two-spirits (norte-americano), hijras (indiano), Köçeks (turco), femminiellis (europeu), xamãs quariwarmi (inca), tibiras, çacoaimbeguiras e Guaicurus (brasileiros), entre dezenas de outros que podem ser citados (BAENA, 2020). A imposição de padrões culturais e de estereótipos de gênero por parte das sociedades colonizadoras fez com que essas expressões de gênero e sexualidade permanecessem à margem da história. Tal fato pode ser ilustrado por meio do caso do indígena Tibira do Maranhão que, durante o período colonial, teria sido amarrado à boca de um canhão na muralha do forte de São Luiz e dividido ao meio acusado, por parte dos padres jesuítas, de “práticas sodomitas”, portanto pecaminosas. Este é considerado o primeiro caso de morte por homofobia documentado no Brasil (FERNANDES, 2016).

O preconceito estrutural construído historicamente em uma sociedade patriarcal, majoritariamente cristã e colonizadora, que impõe sua cultura e condena qualquer expressão que fuja desse contexto, reverbera ainda nos dias atuais. Segundo Fernandes (2019):

[...] a colonização opera impondo aos colonizados, por meio de práticas institucionais que se baseiam em pressupostos morais, religiosos, científicos, acadêmicos, filosóficos, políticos, sociais etc., um conjunto de regras que busca reproduzir, nos corações e almas dos colonizados, as lógicas que movem a sociedade colonizadora.[...] faz parte do cotidiano, tem lugar, cara, rosto e voz... é a imposição de um casamento hétero, com um casal formado por um par de genitálias diferentes que possa ter filhos devidamente batizados. (FERNANDES, 2019, p. 12-13)

Na literatura científica brasileira produzida em língua portuguesa, os materiais sobre a temática do não binarismo de gênero são escassos. Entretanto, os poucos achados discutem aspectos importantes sobre as vivências, o preconceito, as relações de poder que atravessam e constituem tais existências dissidentes.

Neilton dos Reis e Roney Polato de Castro (2019), em seu artigo intitulado “Narrativas de experiências na não-binariedade: discutindo gênero, identidades e diferenças”, apresentam uma pesquisa construída a partir de entrevistas-narrativas, ocorridas durante os anos de 2016 e 2017, com três indivíduos (Netuno, Elfo e Irene – todos nomes fictícios) autodeclarados pessoas trans não binárias.

No artigo, os pesquisadores discutem a relação entre corpos e poder, articulando as contribuições de Pierre Bourdieu, Judith Butler e Michel Foucault em resposta à pergunta: “E você acha que as pessoas te cobram muito esse se enquadrar, de se vestir ou se portar dentro de algo masculino ou feminino?”. Netuno, uma das pessoas interlocutoras da pesquisa, comenta o estranhamento daqueles/as/us que o olham, pois como pode um corpo designado mulher ao nascer usar “roupas masculinas”, “tentar” ocupar um lugar social diferente do que a sua genitália “deve”? O corpo entra aqui na forma de posição, de lugar fixo de poder dentro de uma sociedade. Os autores seguem indicando que se torna praticamente impossível não descrever ou usar a linguagem do binário (ou masculino, ou feminino), mesmo que para descrever o não binário. As normas entrelaçam-se tanto aos indivíduos que se tornam indissolúveis no ser e, conseqüentemente, no viver.

Ao longo do artigo, é nítido o destaque às violências sofridas por essas pessoas, tanto no que se refere às relações sociais quanto às que se dirigem aos seus corpos/corpas. Nesse sentido, os autores interpelam a interlocutora Irene com a seguinte questão, que é central na discussão empreendida: “E as pessoas te olham estranho e te abordam [...] na rua?”. O respeito, dentro das relações sociais, foca três principais regimes: a hierarquia (indivíduo dependente da realidade social), a igualdade (direito dentro da democracia) e a diferença (especificidades culturais dos indivíduos ou grupos). Evidencia-se que, no contexto das relações de gênero, deve-se lançar todo o conceito à diferença, explorar seus limites, fomentar a confusão gerada pelo diferente, entretanto, quando o significante e os significados conhecidos não possuem arcabouço para definir o outro ou o objeto, as conseqüências do processo se materializam na violência e na curiosidade, estas sendo duas vias antagônicas e imprevisíveis. De acordo com os autores, deve-se pensar na diferença como mecanismo para se transitar, para que o movimento de significados aconteça e para que a norma não perdure, matando as subjetividades e os sujeitos.

Outro artigo que aborda a não-binariedade é o de Vitória Braga Padilha e Yáskara Arrial Palma (2017), que tem o objetivo de compreender, analisar assim como dar visibilidade às expressões e vivências de pessoas não binárias na contemporaneidade. Tendo caráter descritivo e exploratório, usa seis (6) pessoas autodeclaradas não binárias, entre 20 e 28 anos, residentes em Porto

Alegre/RS, entrevistando-as sobre as suas vivências e posteriormente se utilizando da análise do discurso para analisar as narrativas.

Dito isso, o artigo pontua a autovisão das pessoas entrevistadas quanto ao seu pertencimento, lido muito vezes no sentido de “uma coisa que não existe” (fala de uma pessoa entrevistada), e, apesar de serem lidas e vistas assim, conseguem encontrar espaços para viver a sua identidade de gênero não normativa. Ademais, o viver desses indivíduos designa caráter político, já que o corpo se posiciona e resiste, podendo sofrer transições ou não. A linguagem neutra se torna aqui uma alternativa para a complementação da língua, para que os indivíduos se sintam pertencentes a um aspecto básico como a língua. Entretanto, pelo preconceito estrutural vigente, para grande parcela da população brasileira, ancorada nos estereótipos de gênero, é quase inimaginável pensar fora da norma engessada e se desconstruir.

Além disso, indica-se que a saúde pública peca em políticas afirmativas e de formação para pessoas não binárias. O sistema vem sendo cada vez mais equipado com ferramentas e profissionais para atender pessoas trans, porém somente as que se enquadram dentro do binário mulher/homem são contempladas totalmente pelo sis(cis)tema. O artigo finaliza apontando para a resistência dessas pessoas, que, mesmo equiparadas à não existência pelas instituições, encontram nos entre-espços, no ambíguo, no trânsito, entre outros, uma possibilidade de sobrevivência.

Já no trabalho de Patricia Mendes Lemos, Anne Graça de Sousa Andrade e Bianca Maria Lima Cardoso (2020), foram delimitadas postagens (em português) em blogs que respondessem à pergunta “O que é não-binariedade de gênero?”. A partir disso, buscou-se analisar os conteúdos embasados na perspectiva da psicologia social crítica, apresentada por Sílvia Lane e Ciampa, além dos pensamentos de alguns autores, por exemplo, Judith Butler e Michel Foucault.

Conforme o exposto na pesquisa, destaca-se o fato de os discursos dos blogs serem pautados na não performance total dos papéis de hombridade e mulheridade, sendo, então, o não binarismo tudo aquilo que “foge” desses papéis institucionalizados. As autoras discutem também como o conceito de gênero deve ser compreendido dentro da lógica de construção discursiva, além

de apontar para o funcionamento de determinada sociedade, sua lógica de construção e perpetuação do assunto.

Dentro desses discursos, leva-se em consideração a invenção do “ser homem”, do “ser mulher” e, conseqüentemente, do “ser não binário”. A identidade de gênero é um aspecto que diz respeito ao ser/existir, à posição e à visão de si mesmo no mundo, conforme descrito em um dos blogs analisados pelas autoras. Assim, todos os indivíduos, depois de nascer, perpassam o questionamento de “quem eu sou?” e se colocam no mundo nesse local de pertencimento ou de despertencimento, sendo o corpo e suas expressões o resultado final desse questionamento.

Outro trabalho sobre o tema é o de Luiza de Oliveira Monteiro (2016), o qual busca, a partir de uma perspectiva cisgênero e pessoal da autora, trazer questionamentos sobre as causas e conseqüências da lógica binária de gênero, usando conceitos de Judith Butler e Eve Sedgwick. Antes mesmo de nascer, somos perpassados e condicionados por diferentes expectativas quanto à sexualidade, ao gênero e à sua performatividade. No entanto, os indivíduos crescem e começam a ter que decidir, em decorrência das expectativas e pressões sociais, sua autoidentificação e sua autodefinição (BUTLER, 2008). Dito isso, e partindo do pressuposto “sou vista, logo existo”, a sociedade nos obriga a exteriorizá-las, uma vez que somos seres imagéticos, ou seja, prezamos por aquilo que é visto.

Dentro dessa lógica, podemos pensar também na teatralização dos papéis de gênero, dado que alguém (mulher/homem) imita o ser homem ou o ser mulher de outro alguém, e assim infinitamente até chegar a um homem/mulher original, que supostamente não existe. Logo, reconhecendo a maleabilidade do gênero, vemos de que forma esses papéis impostos são contraditórios e só servem para reforçar uma lógica institucional em que o homem hétero, cisgênero e branco detém o poder.

A autora também traz à tona os múltiplos armários que pessoas trans enfrentam durante a vida, um processo diário, já que é necessário se autoafirmar cotidianamente em relação às suposições fixas dos outros. O armário, aqui, é considerado uma forma de regulação da vida social de todas as pessoas que fogem da norma social constitutiva. Ao final, questiona-se a afirmação do gênero (da autora, por exemplo) feminino na luta pela igualdade

de direitos no interior do movimento feminista, condição que só reforça o binarismo (o que foi problema anteriormente no movimento) e continua perpetuando a noção da não existência, tanto no quesito sexualidade quanto no quesito gênero, das pessoas autodeclaradas não binárias.

No que tange ao espaço escolar na construção de identidades de gênero de pessoas não binárias, o artigo de Neilton dos Reis e Raquel Pinho (2016) se mostra importante. A pesquisa é fruto de uma inquietação acerca dos processos de construção de não-binariedade, bem como de seu enlace no espaço escolar. Entende-se, portanto, que a escola é um local em que se reforçarão ou se construirão signos e significados das identidades e sexualidades. O artigo foi elaborado com parte dos dados da pesquisa “Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia: casos de prazeres e corporeidades não-binários” (DOS REIS, 2015), cuja metodologia consistiu em levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas voltada a pensar a não-binariedade no contexto escolar.

Dos Reis (2015), aponta para a escola na forma de instituição de regulação do ser, visto que o indivíduo se constrói socialmente nos diferentes espaços em que se insere ou em que é inserido, e a escola, que é obrigatória na educação básica, é considerada, então, uma “fábrica” de certos modelos sociais trazidos de fora para dentro da instituição. Por isso, ela pode ser um ensaio da expressão da identidade, de comportamentos que serão reforçados ou reprimidos pelo “mundo” fora dela.

Embora os trabalhos de Dos Reis (2015) e Dos Reis e Pinho (2016) sejam sobre a não-binariedade no contexto escolar, nos permitem pensar as complexas artimanhas de produção e reprodução de normatividades a nível social. É importante dizer que, a experiência de pessoas não-binárias (assim como de outras dissidências de identidade de gênero), é marcada desde cedo por processos sociais de estranhamento e exclusão. Tais processos se iniciam, por vezes, no ambiente familiar, seguem para os espaços escolares e para outras experiências e ambientes sociais. Apesar disso, em uma perspectiva que aposta em cotidianos produzidos/praticados (LUZ, 2023) fomentadores de táticas na experimentação de si (VITAL, 2022), há que se considerar os inúmeros processos de resistência e mobilização que, historicamente, sujeitos

e coletivos dissidentes sexuais e de gênero têm empreendido em suas lutas por reconhecimento. Afinal,

se um discurso hegemônico pode expressar o funcionamento das estruturas e relações sociais que ordenam ou regulam a vida em um lugar, os relatos podem deformar as representações e os discursos das estruturas e relações sociais que regulam a vida nesse lugar (CERTEAU, 2013). É quando os relatos permitem que as pessoas (re)interpretam ou (re)inventam as formas de entender e de usar as estruturas e as regras que ordenam os lugares onde vivem, sendo a oportunidade de que essas pessoas realizem as suas necessidades e desejos quando as regras ou discursos sociais dominantes rivalizam com essas necessidades e desejos. Isso significa que o relato pode atuar nos espaços que são produzidos dentro de um lugar, já que eles não podem modificar as regras ou estruturas sociais desse lugar. É como se os relatos permeassem os discursos hegemônicos que ordenam a vida social, criando a oportunidade de (re)interpretá-los e usá-los, mesmo quando não se tem o poder de transformá-los ou combatê-los (o relato é a chance das pessoas fracas contornar ou subverter os limites que a vida social colocam no seu cotidiano) (VITAL, 2022, p. 66).

Deste modo, em um contexto marcado pela centralidade das plataformas digitais somos desafiados tanto a perceber as reiterações dos dispositivos normalizadores quanto a produção de linhas de fuga que oportunizam seus questionamentos e desnaturalizações. Afinal, como tais plataformas podem se constituir como espaçostempos (LUZ, 2023) de ressignificação das experiências de violência, silenciamento, estigmatização e exclusão? Engajados em uma leitura a partir do cotidiano, acreditamos que em tais espaços vão se constituindo uma ética da existência que se tece a partir das experiências, vivências e sentidos que brotam de um cotidiano ao mesmo tempo tecnológico e existencial-resistente.

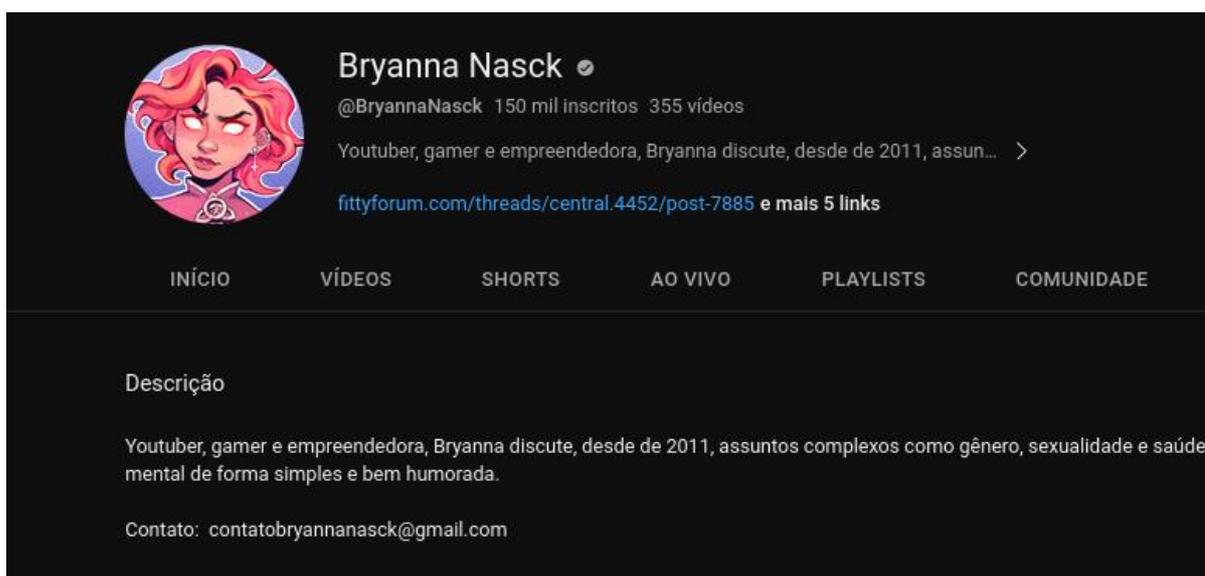
### **A não-binariedade nas plataformas digitais**

Para fins da presente pesquisa, realizamos o mapeamento de algumas plataformas digitais criadas e alimentadas por pessoas que se autodefinem não binárias. Abaixo apresentamos algumas das páginas e canais a que tivemos acesso.

As plataformas em que os canais e vídeos foram analisados são o YouTube, o Instagram e uma página do site UOL. Os canais foram selecionados por meio da rede de contatos da primeira autora do artigo e posteriormente foi feito o uso da aba “recomendados”, presente nas duas plataformas. Eles discutem o não binarismo, todavia ressalta-se que não é seu conteúdo principal, visto que os perfis do Instagram e os vídeos do YouTube têm certo caráter pessoal. Além disso, os vídeos, apesar de discutirem a não-binariedade, apresentam os conteúdos de maneira diversa, tendo interações com outras pessoas presentes neles, o que forma uma espécie de “palco”. Contudo, em sua maioria, os próprios indivíduos são protagonistas, diversificando entre apenas dissertar sobre alguma temática e responder aos comentários de vídeos anteriores, e o que converge em todos é a linguagem informal, caracterizando quase uma linguagem didática, além de serem priorizados conteúdos de curta duração.

Alguns vídeos escolhidos são do canal “Bryanna Nasck”, autodeclarada branca e trans não binária transfeminina, e, segundo sua própria descrição no YouTube, “Youtuber, gamer e empreendedora, Bryanna discute, desde 2011, assuntos complexos como gênero, sexualidade e saúde mental de forma simples e bem humorada”, ou seja, sua produção de conhecimento não é delimitada por seu gênero. Por esse motivo, o público a que se destinam seus vídeos é variável; ademais, sua linguagem tenta ser o mais neutra possível para, assim, todas as pessoas se sentirem respeitadas. Conforme podemos observar no print abaixo que realizamos do canal, a youtuber conta, até o momento, com 150 mil inscritos.

## Imagem 1 – Print do Canal Bryanna Nasck no YouTube



Fonte: Canal Bryanna Nasck no YouTube

Abaixo analisamos uma das postagens de Bryanna Nasck do dia 19 de novembro de 2022:

Título da postagem: “Ficaria chateada se ERRAR SEU PRONOME?”

*\*Bryanna Nasck lê:\** “Se uma pessoa errar os seus pronomes sem querer, se desculpar e corrigir, você ainda ficaria chateada?”

*Oi, tudo bom? Obrigada pela pergunta. Meu nome é Bryanna Nasck. Já deixa o seu like e comenta se você tiver alguma dúvida que eu possa responder.*

*Falando particularmente da minha experiência enquanto uma pessoa não binária... Eu não me sinto afetada quando eu percebo que a pessoa cometeu um erro legítimo, um erro verdadeiro, e se corrigiu ao perceber que cometeu ele. Meu problema está quando eu percebo que a pessoa erra intencionalmente, erra porque ela não está interessada em respeitar a minha identidade de gênero. Ela não está interessada em respeitar quem eu sou. Eu particularmente não me ofendo quando eu percebo que as pessoas cometem erros, porque eu cometi muitos erros crescendo... Identificando a mim mesma... conhecendo sobre a comunidade LGBTQIAP+... E eu sei que para alguém que não convive com essa comunidade pode ser difícil adaptação. Eu não me sentiria mal, mas é importante lembrar que eu não sou todas as pessoas trans. Então, é sempre importante a gente reconhecer quando a gente comete erros e pedir desculpas sinceras e continuar, mas também não torna*

*isso uma grande coisa, sabe? “Ai, ai, meu Deus! Eu errei seu pronome!” Erra o pronome, corrige. E continua normalmente. Pois a gente não precisa de sempre fazer um circo em volta de coisas que não precisavam de ser né.”* (Transcrição integral do vídeo postado no canal Bryanna Nasck no YouTube)

É importante destacar que nesse trecho ela expõe não só as suas vivências, mas também as de muitas outras pessoas trans não binárias. O preconceito disfarçado de ignorância é inconfundível e, conforme assinalam Vitória Braga Padilha e Yáskara Arrial Palma (2017) em seu artigo, esses indivíduos são considerados inexistentes, e alguns fazem questão de reafirmar os preconceitos estruturais correspondentes. Outra análise que pode ser feita parte da normatividade que cerca aqueles que se inserem no padrão normativo e que tendem a atribuir às pessoas não binárias uma ideia de “fazer escândalo por pouca coisa”. Com relação a esse aspecto, não é incomum que “erros” relacionados ao desrespeito aos pronomes neutros soem como atos de pouca significância por parte de quem se “equivoca”. Dessa forma, o detrator se coloca na posição de vítima, enquanto deixa a pessoa que sofreu a violência ser apagada, invertendo a relação de poder antes estabelecida (FOUCAULT, 1979).

Outro vídeo que chamou atenção no canal de Bryanna é o intitulado “Qual a APARÊNCIA de um NÃO-BINÁRIO? ft. @isabelbrandao | #shorts”, no qual Nasck e sua convidada, Isabel Brandão, produzem uma encenação de um diálogo que gira em torno da aparência de pessoas não binárias. A seguir se encontra a transcrição integral do vídeo postado em 06 de março de 2022.

*“Isabel: Miga, eu fico ouvindo essa coisa de não binário. Mas eu nunca vi uma pessoa não binária. Ou você é homem ou você é mulher. Não é?”*

*Bryanna: Quê? Mas eu sou não binária!*

*Isabel: Você é não binário? Você não é mulher?*

*Bryanna \*voz de robô\*: Eu sou não binária. E vou destruir o gênero no planeta... Terra!*

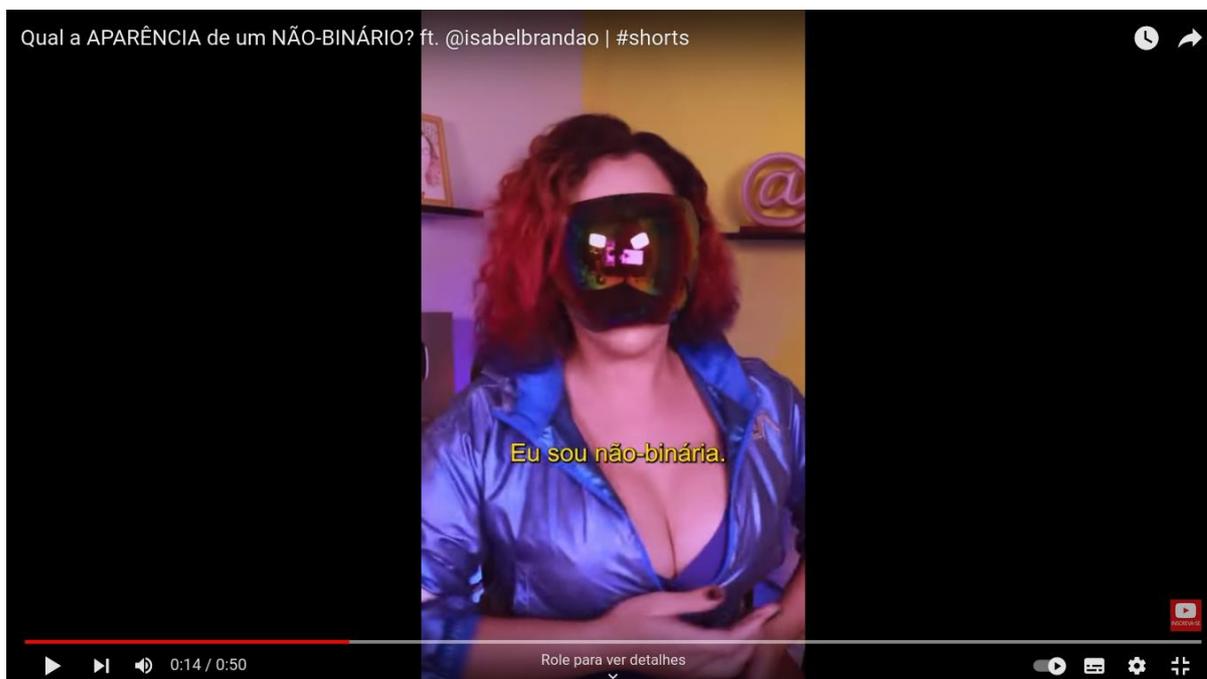
*\*Isabel, com feições assustadas, “desmaia”\**

*Bryanna: Ai, amiga! Normal, né, gata, você esperava o quê? Que eu tivesse uma hélice de helicóptero? Ou fosse um dragão? Pessoas não binárias usam os estereótipos da sociedade para construir a sua própria identidade. Não significa que vai ser um ser sobrenatural ambíguo, metade com barba e*

*metade sem barba. Ou qualquer outro tipo de coisa. Somos pessoas normais que buscam construir sua identidade conforme lhe é mais agradável.”*

(Transcrição integral do vídeo postado no canal Bryanna Nasck)

**Imagem 2** – Print do Canal Bryanna Nasck no YouTube – participação de Isabel Brandão



Fonte: Canal Bryanna Nasck no YouTube.

Nesse vídeo ela explicita muito bem a narrativa de muitas pessoas que procuram características masculinas ou femininas para supor o gênero de alguém. Dentro dessa lógica normativa, podemos pensar no sistema binário em que estamos inseridos, no qual só se pode ser uma coisa ou outra. De acordo com o que é apontado no artigo de Neilton dos Reis e Roney Polato de Castro (2019), há uma pressão muito grande para que os corpos se adequem à norma vigente de vestimenta conforme o gênero. Em seguida pode-se perceber o estranhamento da convidada ao ser revelado que Bryanna é não binária, pois, por usar roupas femininas, optar por um tratamento com hormônios e colocar silicone nos peitos, ela passa a ser vista como mulher na lógica binária, e pela reação é possível articular que talvez nunca foi o que passou pela cabeça de Isabela, porque o gênero estava suposto e definido dentro da norma.

Em sequência Bryanna brinca com o fato e faz uma encenação com a imitação de um robô, articulando, com um pensamento muito presente nos dias

atuais, a narrativa de que pessoas trans, e progressistas em geral, querem acabar com o gênero no planeta Terra ou instituir a “ditadura” da “ideologia de gênero” (MIGUEL, 2021).

Na sequência, ela tira a máscara que cobre seu rosto (antes em uma performance de robô) e pode-se observar que o olhar é direcionado ao público, mas ela termina respondendo a amiga:

“Bryanna: Ai, amiga! Normal, né, gata, você esperava o quê? Que eu tivesse uma hélice de helicóptero? Ou fosse um dragão? Pessoas não binárias usam os estereótipos da sociedade para construir a sua própria identidade. Não significa que vai ser um ser sobrenatural ambíguo, metade com barba e metade sem barba. Ou qualquer outro tipo de coisa. Somos pessoas normais que buscam construir sua identidade conforme lhe é mais agradável.” (Transcrição de trecho do vídeo postado no canal Bryanna Nasck)

Nessa última fala, Bryanna busca romper com esse padrão do binário, como se pessoas não binárias fossem metade homem, metade mulher. Ela tenta desmistificar a figura quando diz “somos pessoas normais”, e nota-se que é desgastante para ela ser resumida apenas a ser uma pessoa não binária, como se, por isso, ela não tivesse conflitos sociais ou não sentisse fome, por exemplo. Por fim, cabe destacar outro ponto de convergência com o artigo de Neilton dos Reis e Roney Polato de Castro (2019), quando Nasck explica que usa os estereótipos sociais vigentes para se representar, uma vez que, dentro de uma sociedade, é muito difícil, senão impossível, simplesmente não performar a partir de certo padrão de masculinidade e de feminilidade.

Outra postagem que deteve nossa análise foi realizada na página do Instagram @soubemachado e postada no dia 21 de abril de 2023 com a legenda “Você já pensou em mudar algo no seu corpo por pressão externa?” e com seu “título”, que aparece por poucos segundos no começo do vídeo: “Precisa tomar hormônio para ser trans?”. O vídeo é gravado apenas com Bê, centralizado, e ao fundo é possível notar uma bandeira trans pendurada possivelmente em um gancho. A linguagem tem caráter informal e se destina a quem vê ou ouve. Segundo o próprio título do vídeo, seu intuito é promover a discussão sobre a pressão exercida sobre os corpos trans, nesse caso com relação à adequação hormonal e às modificações corporais. Abaixo está a transcrição:

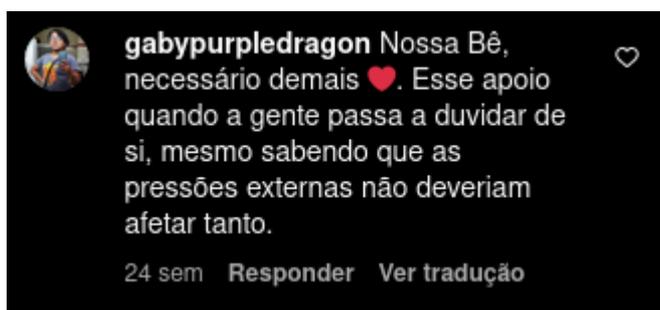
Título da postagem: “Precisa tomar hormônio para ser trans?”

*Oie, eu sou o Bê, um trans não binário e hoje vim falar sobre uma coisa que tem me incomodado bastante nos últimos dias... que é a ideia de que toda pessoa trans precisa fazer alguma intervenção no corpo pra ser considerada uma pessoa trans.*

*Esse tipo de expectativa é irreal, já que a identidade de gênero é algo que tá dentro da gente. É como a gente se sente e isso é independente do nosso corpo físico. Cada pessoa tem a sua própria jornada e não existe uma forma certa ou errada de ser trans. Então... não se preocupe se você não quiser tomar hormônio ou não quiser fazer cirurgia. O mais importante é que você consiga ser quem você é, se sentir bem com isso! Não cai nessa armadilha cisgênera de entrar em outra caixinha pra ser algo. Você já é algo só por ser você e é isso que importa. Você não precisa tomar hormônio ou fazer cirurgia pra ser uma pessoa trans.” (Transcrição de postagem no Instagram @soubemachado)*

Seu discurso é crítico e corrobora o conteúdo do artigo de Luiza de Oliveira Monteiro (2016), pois os indivíduos são permeados com expectativas de gênero muito antes de nascer, expectativas essas do sistema binário, que é opressor não só de pessoas trans (porém principalmente desse grupo), mas também de indivíduos cis. Ele oprime tudo aquilo que foge do padrão imposto, principalmente o que é visto – o corpo e as roupas, entre outros – e ouvido – os discursos, por exemplo. Bê também traz uma perspectiva em seu discurso que não é condenatória, traz a quem ouve, ou lê, palavras de alívio, que, em muitos casos, são as únicas que esse grupo minoritário recebe, em meio a tanto ódio generalizado (em especial nas redes sociais) presente na sociedade atual (MERCURI, LIMA-LOPES, 2020), o que pode ser observado no comentário:

**Imagem 3** – Print de comentário postado no canal @soubemachado no Instagram



Fonte: Canal @soubemachado no Instagram.

Outro material analisado foi o de Nick Nagari no Instagram. Cientista social formado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), autodeclarado preto, pessoa não binária e bissexual, Nick prefere os pronomes ele/dele (conforme informações apresentadas na biografia do seu próprio perfil no Instagram). Seus conteúdos são principalmente sobre a bissexualidade, a não-binariedade, a não monogamia. Ele também é escritor e seus contos se centram nessas temáticas, assim, pelo que é produzido, é possível imaginar que seu público-alvo são as pessoas que se identificam com esses assuntos de alguma forma.

O conteúdo a seguir foi publicado no Instagram com a seguinte legenda: “Não binariedade e orientação sexual: quais sexualidades a gente pode ter?”

*“Não binariedade e orientação sexual: por quem pessoas não binárias se atraem? Com quem se relacionam? Quais orientações podem ter?*

*Vem comigo que nesse vídeo a gente vai trocar uma ideia sobre isso.*

*Intro: Fala mais, Nick Thomas!*

*Primeiro, é importante dizer o que é a não binariedade, né?! Pessoas não binárias são pessoas que não são nem homens e nem mulheres. Então, a não binariedade é um termo guarda-chuva pra todas as pessoas que não se reivindicam de nenhuma dessas duas formas, também é importante dizer que pessoas não binárias podem ter alinhamento. Então, a pessoa não binária pode ser alinhada ao feminino, alinhada ao masculino, alinhada ao neutro ou não ter alinhamento nenhum, eu, por exemplo, não tenho alinhamento nenhum, só me coloco como não binário mesmo.*

*Esse vídeo vai ficar um pouquinho grande, porque essas perguntas não têm respostas prontas, elas são apenas reflexões que a gente tá construindo em conjunto agora.*

*E aí, vamo lá! Começando do mais simples... pessoas não binárias podem ser bissexuais, ao contrário do que dizem por aí, a bissexualidade não exclui pessoas como nós. Tenho um vídeo só falando sobre isso, inclusive, eu sou bissexual e não binário.*

*Minha não binariedade e a minha bissexualidade estão muito relacionadas, porque elas duas funcionam no sentido de quebrar um binário, né?! Tem o binário hétero e o homo, e a bissexualidade quebra isso. Tem o binário homem mulher e a não binariedade quebra isso. Então, elas são muito semelhantes, e na minha vida uma não existe sem a outra. Além disso, também podemos ser pans e assexuais, e eu acho que até aí fica simples de compreender, porque são orientações que não dependem de gênero. E a gente entra na parte que gera mais dúvida nas pessoas, de que pessoas não binárias podem se atrair apenas por um espectro de gênero só. Por exemplo, eu conheço várias pessoas não binárias que são lésbicas e que inclusive falam que isso faz parte da história da comunidade lésbica, geralmente, são o quê? Pessoas que são alinhadas ao feminino ou neutro, né?! e que se atraem por mulheres ou outras pessoas alinhadas ao feminino.*

*Aí a gente para pra pensar, porque, assim, eu sempre falo que a minha não binariedade, ela tá muito ligada à minha raça, né?! Por eu não ser visto como uma menina igual meninas brancas eram. Tenho até um vídeo falando mais sobre isso também.*

*Essas pessoas também trazem uma reflexão de como lésbicas e, principalmente, sapatonas assim, quando a gente tá falando dessa, de tudo que essa palavra significa, não estão dentro da mulheridade. Por quê? Porque o ideal da mulheridade, assim como ele tá ligado com a branquitude, ele também tá ligado com a heterossexualidade. A gente sabe que uma mulher completa e de verdade, pro patriarcado, é uma mulher que serve homens e apenas homens.*

*Às vezes essas pessoas não se veem como mulheres, né?! E preferem se reivindicar uma outra coisa, que é o caso dessas lésbicas não binárias, sapatões não binárias, enfim...*

*Vou até compartilhar nos stories alguns textos que eu já li de pessoas que se definem dessa maneira, né, que eu acho que vocês vão conseguir entender melhor.*

*E aí eu acho que a homossexualidade masculina também segue um raciocínio parecido, porque homens gays, principalmente, quando a gente tá falando de bichas, né, e, novamente, tudo o que essa palavra significa. São pessoas que muitas vezes não são vistas como homens, muitas pessoas não binárias que são gays também seguem essa lógica de “eu não caibo nessa palavra”, “eu não tenho interesse em disputar esse significado, então, eu não sou homem mesmo”.*

*Pessoas não binárias hétero? Não conheço, nunca vi e também não acho que faz muito sentido, eu acho que a gente não cabe nesse lugar da heterossexualidade, porque essa palavra não é só sobre quem a gente se atrai né!? A heterossexualidade é um sistema de poder, né?! E eu acho que pessoas não binárias só existindo já não cabem nesse sistema.*

*Também algumas outras alternativas, né?! Eu conheço as palavras ginessexual (atração pelo espectro feminino) e androssexual (atração pelo espectro masculino), que são justamente pra designar pessoas, né?! E nesse caso pessoas não binárias que se atraem só por esse aspecto de gênero feminino ou só pelo aspecto de gênero masculino. Então, eu já vi algumas pessoas colocando dessa maneira.*

*No próximo vídeo, eu vou falar um pouco mais sobre o contrário, né, quem são as pessoas que se atraem por pessoas não binárias e como que isso funciona. Se você gostou desse vídeo, não esquece de deixar um like, que é de praxe, e salvar, que é o que mais ajuda no engajamento. Tá bom? Beijo!”*  
(Transcrição integral de postagem no canal de @nicknagari no Instagram)

Podemos pensar, a partir do trecho transcrito, a articulação entre identidade de gênero e sexualidade. Ao indagar se existem pessoas não binárias heterossexuais, Nick problematiza o quanto a heterossexualidade continua a ser o grande modelo. Ao estabelecer a conexão entre heterossexualidade e sistemas de poder, ele nos permite pensar a importância do questionamento dessa pretensa naturalidade ou autoevidência tanto do cis quanto do hétero. Não por acaso, seu posicionamento é de uma linguagem neutra, usando os termos “pessoa”, por exemplo, ou modificando a frase para

que não haja um gênero escancarado. Além disso, outro aspecto importante são os termos gay/lésbica para se referir a pessoas não binárias, uma vez que estes são historicamente construídos para definir a sexualidade em uma categoria de gênero específica, sendo assim, o que acontece é uma ressignificação do passado, adaptando essas experiências às definições e experiências atuais. Com relação a esse aspecto, transcrevemos abaixo uma entrevista publicada pelo portal UOL (BERTHO, 2021) com Bê Carbonieri, 30 anos, psicóloga, e que se define sapatão agênero:

“Nos meus 29 anos, mesmo não sendo uma mulher, eu tive uma experiência na sociedade enquanto sapatão. Muitas pessoas reduzem sapatão a duas mulheres, ambas com vaginas, se relacionando afetiva e sexualmente. Mas na minha experiência pessoal eu vivi algo diferente. A sociedade me atravessou como sapatão desde criança. Muito antes de andar de mãos dadas com mulher na rua, as pessoas gritavam pra me ofender, me chamando de sapatão. Sapatão pra mim, muito mais do que com quem eu me relaciono, tem a ver com como eu fui socializada, minhas pautas políticas, a comunidade onde eu cresci e me formei”. (BÊ CARBINIERI apud BERTHO, 2021, online)

Ao realizar uma recuperação de sua trajetória inserida numa lógica de classificação heteronormativa, Bê Carbonieri evidencia a importância de desafiar as categorias normativas de gênero e sexualidade. Também ressalta que a sociedade classifica ela de sapatão desde a infância, antes mesmo de ela se envolver afetiva e sexualmente com mulheres, o que ilustra a imposição e a internalização das normas de gênero desde cedo, impactando a maneira como as pessoas são percebidas e se percebem.

Afinal, haveria uma única possibilidade de vivenciar uma identidade lésbica? Ao contrário, apesar dos estereótipos presentes no modo de socializar pessoas LGBTQIA+, para Bê ser sapatão não se limita apenas a com quem a pessoa se relaciona, ou seja, vai além do aspecto puramente sexual ou afetivo, envolvendo socialização, pautas políticas e a comunidade na qual as pessoas lésbicas estão inseridas.

A ênfase na socialização e na formação política, consideradas elementos constituintes de uma identidade sapatão não binária, é particularmente relevante à luz da teoria queer, que confirma a importância do contexto social na construção das identidades (BUTLER, 2008). Isso destaca a

natureza fluida e multifacetada das experiências das pessoas que se assumem não binárias, indo além de categorias fixas e normativas.

## Considerações finais

Conforme pudemos expor ao longo deste artigo, a não-binariedade torna-se tanto uma experiência quanto um conceito de fundamental importância para o questionamento das normatividades. Ao nos debruçarmos sobre conteúdos disponibilizados em plataformas digitais, a saber, YouTube, Instagram e UOL, e destinados a tal debate, quisemos evidenciar a importância da desconstrução das normas de gênero e do reconhecimento de vivências e processos que não se encaixam nas categorias tradicionais de homem e mulher. Pensar tais questões à luz dos cotidianos nos permite perceber que “as práticas sociais e normativas de sexo e gênero que ordenam a vida social, sendo expressas e/ou representadas pelos discursos hegemônicos, não podem controlar todas as ações que as pessoas podem produzir” (VITAL, 2022, p. 72).

Assim, os ativismos e debates em torno da não-binariedade, ao questionarem e desafiarem as noções tradicionais de gênero, que historicamente têm sido binárias, ou seja, limitadas a apenas duas categorias: masculino e feminino, oportunizam o reconhecimento de que o gênero e a identidade de gênero são muito mais complexos do que uma dicotomia simples. Desse modo, enquanto territórios existenciais resistentes, resultam no questionamento das normas de gênero que têm sido usadas para oprimir e marginalizar pessoas cujas experiências não se prendem nessas categorias. Ao percorrer os canais e as postagens de Bryanna Nasck, Bê Machado, Nick Nagari e Bê Carbonieri, pudemos acessar as lutas e as lógicas de reconhecimento da diversidade de experiências de gênero.

Tal processo não está desvinculado do combate e enfrentamento à cis-heteronormatividade. Esta, enquanto suposição ideológico-política de que todas as pessoas devem se identificar com o gênero que lhes foi atribuído ao nascerem e que devem ter seus desejos orientados para o “sexo” oposto, busca impor e naturalizar normas sociais restritivas (NASCIMENTO, 2021).

Assim, youtubers e influenciadoras/es/us digitais desafiam as normas binárias de gênero, promovem a inclusão de uma ampla gama das identidades de gênero dissidentes e contribuem para a luta pela igualdade e pelo respeito a todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero e orientação sexual. Ao produzirem movimento de crítica, desempenham um papel fundamental na desconstrução das estruturas de poder que têm sido usadas para marginalizar as pessoas com identidades de gênero não conformes, com o objetivo de promover uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as pessoas (OLIVEIRA, NASCIMENTO, 2023).

Por fim, a não-binariedade também desempenha um papel na transformação da linguagem e na criação de terminologias mais inclusivas. Tendo em vista que a linguagem desempenha um papel crucial na forma como compreendemos e categorizamos a realidade, os debates e as lutas em torno da não-binariedade possibilitam a criação de um vocabulário que reflete a diversidade de identidades de gênero. Dessarte, apontamos para a importância do desenvolvimento de mais pesquisas sobre o tema que possam contribuir para as políticas de visibilidade e reconhecimento das minorias sexuais e de gênero.

## Referências

BAENA, Pâmela Keiti. Cartografando gêneros: tempos e espaços da não-binariedade. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n.2, p. e181370, 2020.

BERTHO, Helena. Sapatao não-binários: não é só sobre amar mulheres. *UOL*, online, 04 set. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/azmina/2021/09/04/sapatao-nao-binarios-nao-e-so-sobre-amar-mulheres.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 11 out. 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DOS REIS, Neilton; DE CASTRO, Roney Polato. Narrativas de experiências na não-binariedade: discutindo gênero, identidades e diferenças. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica*, v. 4, n. 11, p. 504-520, 2019.

DOS REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. *Reflexão e Ação*, v. 24, n. 1, p. 7, 2016.

DOS REIS, Neilton. *Diversidade de gêneros e Ensino de Biologia: casos de prazeres e corporeidade não-binários*. Monografia. 105p. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015.

DUQUE, Tiago; SEFFNER, Fernando. A epistemologia do segundo armário: canais de gays HIV+ no YouTube como artefatos pedagógicos. *Vivência: Revista de Antropologia*, Natal, v. 1, p. 95-115, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2022v1n60ID30036>

DUQUE, Tiago. Por uma sociologia que liberte as renas natalinas. *Jornal O Estado*, online, 29 nov. 2023. Disponível em: <https://oestadoonline.com.br/artigos/artigo-por-uma-sociologia-que-liberte-as-renas-natalinas/> Acesso em: 29 nov. 2023.

FERNANDES, Estevão R. *“Existe índio gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. 245p.

FERNANDES, Estevão Rafael. Quando o armário é na aldeia: Colonialidade e normalização das sexualidades indígenas no Brasil. *Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental*, n. 1, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), 29(2), e181370, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOS, Patricia Mendes; DE SOUSA ANDRADE, Anne Graça; CARDOSO, Bianca Maria Lima. Subvertendo Gênero: O Lugar da Não-binariedade Numa Análise Discursiva de Conteúdos Midiáticos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 9, n. 3, p. 314-326, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rps.v9i3.3132>

LEVY, Pierre. *O que é Virtual*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999b.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; DE FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 29, n. 2, p. e181821-e181821, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181821>

LUZ, Luiz Otavio Ferreira da. *Dúvidas, incertezas e inquietações de professoras/es: tessituras a partir de um curso de formação continuada em gênero e sexualidades na escola*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica/Nova Iguaçu: UFRRJ, 2023.

MACHADO, Bê. Precisa tomar hormônio para ser trans?. *Instagram*, 21 de abril de 2023. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/CrT9B6rsGfM/?igshid=NjlwNzlyMDk2Mg==>

Acesso em: 01 ago. 2023.

MERCURI, Karen Tank; LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de. Discurso de ódio em mídias sociais como estratégia de persuasão popular. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 2, p. 1216–1238, maio 2020. DOI:

<https://doi.org/10.1590/01031813760991620200723>

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 62, p. e216216, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.1590/18094449202100620016>

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41–65, jan. 2004. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100003>

MOREIRA, Allyson Darlan. Ciberativismo no Facebook: movimentos sociais conectados em rede e a democracia da informação no grupo LGBT Brasil. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas*, v. 4, n. 2, p. 115-128, 2016.

MONTEIRO, Luiza de Oliveira. Performatividades e o existir a partir do (não) gênero. *Revista Três Pontos*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 61-66, 2016.

NAGARI, Nick. Não binariedade e orientação sexual: nb pode ser bi? Lésbica? Gay? Hétero?. *Instagram*, 18 de fevereiro de 2023. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/Co0VzO2pyFo/?igshid=NjlwNzlyMDk2Mg==>

Acesso em: 01 ago. 2023.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

NASCK, Bryanna. Ficaria chateada se ERRAR SEU PRONOME?. *YouTube*, 19 de novembro de 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=jaEYDIKY-As> Acesso em: 01 ago. 2023.

NASCK, Bryanna. Qual a APARÊNCIA de um NÃO-BINÁRIO? ft.

@isabelbrandao | #shorts. *YouTube*, 06 de março de 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GKAJRGdfjoA> Acesso em: 01 ago. 2023.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. Por uma (Est)Ética da monstruosidade Queer: uma análise indisciplinada do filme Todos estão falando sobre o Jamie. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, p. 91-116, 2023. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41679>

PADILHA, Vitória Braga; PALMA, Yáskara Arrial. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 11, 2017.

PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia de ; LINS, Beatriz Accioly. Estratégias para pensar o digital. *Cadernos de Campo* (USP), v. 29, p. 1-11, 2020. <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181821>

RAMONET, Ignacio. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? In: MORAES, Dênis de (org.). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo, Boitempo, 2013.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. Digitalização e dataficação da vida. *Revista Civitas* v. 21 n. 2, p. 186-192, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/40987/26949>

SERRANO, Pascual. Outro jornalismo possível na internet. In: MORAES, Dênis de (org.). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo, Boitempo, 2013.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai. A imersão oculta em plataformas online: uma experiência antropológica a partir dos estudos de recepção. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), São Paulo, v. 29, n. 2, p. e175275, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175275>

VITAL, Rodrigo da Silva. *Estudantes gays, cotidiano e universidade: práticas e táticas na experimentação de si*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande: FURG, 2022.

Recebido em: 20/10/2023.

Aceito em: 19/12/2023.

### **Maria Eduarda Fiorini**

Acadêmica do curso de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

 [maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br](mailto:maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br)

 <http://lattes.cnpq.br/3551247126895787>

 <http://orcid.org/0009-0001-9083-9795>

### **Esmael Alves de Oliveira**

Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), Pós-Doutorando em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), docente dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) e Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

 [esmael\\_oliveira@live.com](mailto:esmael_oliveira@live.com)

 <http://lattes.cnpq.br/5410375038960540>

 <http://orcid.org/0000-0002-9235-5938>